

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

Universidade de Évora

Um olhar sobre Paulo Freire - Congresso Internacional
Évora, 20 a 23 de setembro de 2000

SABER APRENDER

Um olhar sobre Paulo Freire e as perspectivas atuais da educação

Moacir Gadotti (*)

Em recente entrevista à Revista *Veja* de São Paulo, Thomas Skidmore, conhecido "brasilianista", afirmou que o Brasil estava no rumo errado, tentando copiar modelos do exterior, quando deveria buscar seus próprios caminhos e citou Paulo Freire como um exemplo de elaboração de uma pedagogia própria, uma solução apropriada aos problemas brasileiros. Um ano antes, Alvin Tofler, "futurólogo" norte-americano, convidado pelo Ministério da Educação para falar sobre educação e novas metodologias na era da informação, apresentou o "Método Paulo Freire" para os convidados dos Ministério, afirmando que era o mais apropriado para o ensino da informática. Disse que há 50 anos Paulo Freire havia criado uma metodologia que hoje os jovens utilizam, espontaneamente, numa espécie de "círculo de cultura", para ensinar uns aos outros o que aprenderam no uso do computador. Em poucos dias, eles acabam tornando-se "professores" de informática, o que demonstra a eficácia do método global de Paulo Freire.

A obra de Paulo Freire tem sido reconhecida mundialmente não apenas como uma resposta a problemas brasileiros do passado ou do presente, mas como uma contribuição original e destacada da América Latina ao pensamento pedagógico universal. Não se pode dizer que seu pensamento responda apenas à questão da educação de adultos ou à problemática do chamado "Terceiro Mundo".

Nesse contexto, a pergunta inicial que podemos fazer, para iniciar uma conversa sobre "Paulo Freire e as perspectivas atuais da educação", é esta: Quais são as contribuições mais destacadas de Paulo Freire e que lhe deram tamanha notoriedade?

Creio que a validade universal da teoria e da práxis de Paulo Freire está ligada sobretudo a **quatro intuições originais**:

1ª - Ênfase nas **condições gnosiológicas da prática educativa**. Toda obra de Paulo Freire está permeada pela idéia de que educar é conhecer, é ler o mundo, para poder transformá-lo. Ele destacou, desde o início, a importância das metodologias, o que é muito atual. Foi acusado de não dar valor aos conteúdos e, por isso, de ser espontaneísta e não-diretivo. Na verdade ele não foi nada disso: seu pensamento estava fortemente orientado por um projeto político-pedagógico cujo conteúdo era a libertação. As críticas de espontaneísmo e de não-diretividade não procedem.

2ª Defesa da **educação como ato dialógico** e, ao mesmo tempo, rigoroso, intuitivo, imaginativo, afetivo. Paulo destaca a necessidade de uma razão dialógica comunicativa. A teoria do conhecimento de Paulo Freire reconhece que o ato de conhecer e de pensar estão diretamente ligados à relação com o outro. O

(*) **Moacir Gadotti**, doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Genebra, é professor da Universidade de São Paulo e Diretor Geral do Instituto Paulo Freire em São Paulo (Brasil). Escreveu vários livros. Entre eles: *Convite à leitura de Paulo Freire* (traduzido em japonês, espanhol, italiano, inglês), *A educação contra a educação* (francês e português), *Pedagogia da práxis* (português, espanhol, inglês), *História das idéias pedagógicas* (português, espanhol), *Perspectivas atuais da educação* e *Pedagogia da Terra*. Seu livro *Paulo Freire: uma biobibliografia*, com cerca de 800 páginas, é o trabalho mais completo disponível sobre a vida e a obra de Paulo Freire. No número 10 da revista *Educação, Sociedade & Culturas*, publicado pelas Edições Afrontamento da cidade de Porto em outubro de 1998 e dedicado especialmente a Paulo Freire, publicou um artigo relatando sua convivência com Freire, com o título "Lições de Freire". Em março de 2000 participou, na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, em Lisboa, do "I Colóquio das Ciências da Educação", cujo tema central foi "Educar, Promover, Emancipar. Os contributos de Paulo Freire e Rui Grácio para uma pedagogia emancipatória", onde apresentou o tema "Cruzando fronteiras: teoria, método e experiências freireanas".

conhecimento precisa de expressão e de comunicação. Não é um ato solitário. Além de ser um ato histórico, gnosiológico e lógico ele contém um quarto elemento que é a sua dimensão dialógica.

3^a A noção de **ciência aberta às necessidades populares** ligada, portanto, ao trabalho, ao emprego, à pobreza, à fome, à doença etc. Seu método, por isso, não parte de categorias abstratas, mas dessas necessidades das pessoas, capturadas nas suas próprias expressões (valor da oralidade) e analisadas por ambos, educador e educando. Nos últimos anos Paulo Freire destacou também as *necessidades planetárias* trazidas ao debate pela ecologia, como necessidades humanas fundamentais, ligadas, por exemplo, ao saneamento básico, ao lixo, à água, à poluição do ar. Dia 17 de abril de 1997, poucos dias antes de falecer, ele falava de ecopedagogia, afirmando que amava a Terra, os bichos, as plantas. Dizia ele numa entrevista dada no Instituto Paulo Freire naquele dia: "Quero sem lembrado como alguém que amou os homens, as mulheres, as plantas, os animais, a Terra". Um dos seus últimos livros foi *A sombra desta mangueira* onde ele fala do prazer de respirar ar puro (uma das necessidades humanas), de entrar num rio despoluído, de pisar na grama, na areia da praia. E criticava a lógica capitalista que não valoriza esses prazeres gratuitos e por substituí-los por prazeres vendidos e comprados, prazeres que dão lucro. O capitalismo tem necessidade de substituir felicidades gratuitas (necessidades humanas) por felicidades vendidas e compradas, que são, acima de tudo, necessidades do capital e, muitas vezes, não são necessidades humanas; são necessidades impostas aos seres humanos, com a finalidade do lucro.

4^a O **planejamento comunitário, participativo**, a gestão democrática, a pesquisa participante. Sob influência do pensamento de Paulo Freire hoje no Brasil estão se realizando muitas experiências educacionais de enorme impacto, relacionadas com a chamada "Constituinte Escolar", que utiliza os princípios metodológicos freireanos e com o emblemático "Orçamento Participativo" no quadro do movimento pela Escola Cidadã, outra expressão também utilizada por ele nos últimos anos.

O reconhecimento de Paulo Freire fora do campo da pedagogia, demonstra que o seu pensamento é também **transdisciplinar e transversal**. A pedagogia é essencialmente uma ciência transversal. Desde seus primeiros escritos considerou a escola muito mais do que as quatro paredes da sala de aula. Criou o "Círculo de Cultura", como expressão dessa nova pedagogia que não se reduzia à noção simplista de "aula". Na sociedade do conhecimento de hoje isso é muito mais verdadeiro já que o "espaço escolar" é muito maior do que a escola. Os **novos espaços da formação** (mídia, rádio, TV, vídeo, igrejas, sindicatos, empresas, ONGs, espaço familiar, Internet...) alargaram a noção de escola e de sala de aula. A educação tornou-se comunitária, virtual, multicultural e ecológica e a escola estendeu-se para a cidade e o planeta. Hoje se pensa em rede, se pesquisa em rede, trabalha-se em rede, sem hierarquias. A noção de hierarquia (saber-ignorância) é muito cara à escola capitalista. Ao contrário, Paulo Freire insistia na **conectividade**, na gestão coletiva do conhecimento social a ser socializado de forma ascendente. Não se trata mais de ver apenas a "cidade educativa" (Edgar Faure) mas de enxergar o planeta como uma escola permanente.

Abrir a escola para o mundo, como queria Paulo Freire, é uma das condições para a sua sobrevivência com dignidade, nessa travessia de milênio. O novo espaço escolar é o planeta porque a Terra tornou-se nosso endereço, para todos. O novo paradigma educativo funda-se na condição planetária da existência humana. A **planetaridade** é uma nova categoria que fundamenta o paradigma Terra, isto é, a visão utópica da Terra como um organismo vivo e em evolução, onde os seres humanos se organizam como uma única comunidade, compartilhando a mesma morada com outros seres e coisas.

Paulo Freire não ficou nessas quatro intuições originais. Ao longo de sua vida desenvolveu o que continuamos chamando de **Método Paulo Freire**, distanciando-o de toda conotação tecnicista. Ele não queria que sua teoria do conhecimento fosse reduzida a uma pura metodologia. Por isso não se pode destacar os **quadro passos** do seu método sem entendê-los no contexto de sua epistemologia. Insisto ainda nesse ponto porque existem muitas leituras de Freire nas quais ele mesmo não se reconhecia, quer sejam leituras políticas dogmáticas, sectárias, quer sejam leituras pouco científicas e epistemologicamente pouco rigorosas.

Quais seriam, a meu ver, esses quatro passos do seu "Método"?

1^o - **Ler o mundo**. Paulo Freire insistiu a vida toda nesse conceito chave do seu pensamento. O primeiro passo do seu método de apropriação do conhecimento é a *leitura do mundo*. Aqui deve-se destacar a **curiosidade** como condição do conhecimento (interesse, para Habermas). É o aprendiz que conhece. Palavras geradoras, temas geradores, complexos temáticos, codificação, decodificação. No seu último livro Paulo Freire insistia ainda na autonomia do aluno. Dos seus primeiros aos últimos escritos procurou dar dignidade ao aprendente, respeitando a identidade do aluno. Ele não humilhava ninguém, não considerava o educador superior ao educando. Para ele jamais um educador poderia ser arrogante. Nada menos freireano do que um educador arrogante, prepotente. Ele tinha raiva de intelectuais arrogantes, sobretudo de esquerda. Dizia que fazia parte da lógica da direita o intelectual ser arrogante, mas na esquerda era uma deformação.

2^o **Compartilhar a leitura do mundo** lido. Não posso saber se minha leitura de mundo está correta a não ser que a compare com a leitura do mundo de outras pessoas. O **diálogo** não é apenas uma estratégia

pedagógica. É um critério de verdade. A veracidade do meu ponto de vista, do meu olhar, depende do olhar do outro, da comunicação, da intercomunicação. Só o olhar do outro pode dar veracidade ao meu olhar. O *diálogo* com o outro não exclui o *conflito*. A verdade não nasce da conformação do meu olhar com o olhar do outro. Nasce do diálogo-conflito com o olhar do outro. O confronto de olhares é necessário para se chegar à verdade comum. Caso contrário a verdade a que se chega é ingênua, não crítica e criticizada. O outro sempre está presente na busca da verdade. Esse segundo passo leva à solidariedade. O meu conhecimento só é válido quando eu o compartilho com alguém. Novamente a comparação com o pensamento de Habermas, que Paulo Freire tanto admirava: a ação comunicativa é parte da busca do conhecimento. Não é um ato generoso de compreensão humana do outro. É uma necessidade ontológica e epistemológica.

3° A Educação como ato de produção e de reconstrução do saber. Conhecer não é acumular conhecimentos, informações ou dados. Conhecer implica mudança de atitudes, saber pensar e não apenas assimilar conteúdos escolares do saber chamado universal. Conhecer é estabelecer relações, dizia Piaget e Paulo Freire completava: saber é criar vínculos. O conteúdo torna-se forma. Paulo Freire foi combatido pelos conteudistas iluministas porque eles não chegaram a entender que, em educação, a forma é o conteúdo. Saber em educação é mudar de forma, criar a forma, formar-se. Educar-se é formar-se. Só muito recentemente os pedagogistas conseguiram entender essa nova visão da educação quando discutiram a educação do futuro, como no Relatório Jacques Delors da UNESCO (1998) onde ela está associada a quatro grandes pilares: aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser. Pela primeira vez perceberam os especialistas em educação que educar é criar vínculos e não decorar conteúdos. Paulo Freire antecipou-se pelo menos 50 anos com o seu "Círculo de Cultura", criando uma metodologia prática que oferece as bases para a construção desses pilares e rompendo com a noção clássica de "aula".

4° A Educação como prática da liberdade (libertação). Até aqui creio que o construtivismo de Piaget também iria. Mas o *construtivismo crítico* de Paulo Freire foi além, afirmando a politicidade do conhecimento. É o momento da problematização, da existência pessoal e da sociedade, do futuro (utopia). Educação não é só ciência: é arte e práxis, ação-reflexão, conscientização e projeto. Como projeto a educação precisa *reinstalar a esperança*. Nada mais atual do que esse pensamento, numa época em que muitos educadores vivem alimentados mais pelo desencanto do que de esperança.

Não é fácil entender o pensamento de Paulo Freire. Ele não pode ser lido como qualquer outra literatura pedagógica, pois ele não queria escrever textos tecnicamente pedagógicos. Os textos de Paulo são também textos literários e devem ser lidos também como textos literários. Paulo fora professor de português na juventude e continuou durante toda a vida a apresentar seus textos de forma literária. Paulo Freire deu o manuscrito de seu último livro *Pedagogia da autonomia* para Ângela Antunes, diretora pedagógica do Instituto Paulo Freire, em São Paulo, para uma revisão e introdução de títulos e intertítulos ao seu texto original, antes de ser enviado para a publicação. Ângela, professora de português, fez sugestões também de estilo. Por mais que ela argumentasse com Paulo Freire em favor de algumas mudanças literárias, na discussão final do texto, ele, em vários momentos, manteve sua primeira redação. Sua primeira redação era definitiva, mesmo que "inacabada", dizia ele. Ela era a expressão daquele momento; não era apenas científica, mas era também poética, literária. Paulo Freire reúne nos seus escritos o estilo literário, a linguagem científica e a linguagem poética. Não foi assim que foram escritos os grandes textos filosóficos?

Quais são as fontes primárias do seu pensamento? Que autores o influenciaram ou tiveram ressonância nele? Em que corrente ou tendência pedagógica contemporânea poderia ele ser inserido?

Eis algumas perguntas que muitos me fizeram depois de escrever alguns textos sobre Paulo Freire, principalmente depois do livro *Paulo Freire: uma biobibliografia* (1996).

Conversei várias vezes com ele sobre isso. Ele sempre se esquivava. Dizia que isso não era importante. De fato, ele não se interessava muito em saber quais eram os autores ou as correntes filosóficas que o influenciaram. Eu cheguei a escrever que ele era "inclassificável" dentro das correntes pedagógicas. Ele não se interessava por exegese, nem da exegese dos seus textos. Lia-os e relia-os muito para ver se continham equívocos e até para entender-se melhor, aprofundar suas posições. Por isso, cabe a nós, aos estudiosos do seu pensamento, buscar responder a essas perguntas.

Creio que duas foram as fontes mais importantes do seu pensamento: o **humanismo** e o **marxismo**. Nesta ordem.

Paulo Freire foi um dos últimos humanistas. Em seus primeiros escritos, principalmente no seu primeiro livro, ainda inédito *Educação e atualidade brasileira* (este livro está sendo editado para ser publicado pelo Instituto Paulo Freire) ele cita com frequência os filósofos humanistas cristãos Gabriel Marcel e Jacques Maritain, autores que eram muito discutidos nos anos 50. Como humanista afirmou e difundiu a crença de que era possível mudar a ordem das coisas e mostrou como fazê-lo. Para ele a utopia era o verdadeiro realismo do educador.

Embora não se possa falar com muita propriedade de fases do pensamento freireano, pode-se pelo menos dizer que a influência do marxismo deu-se depois da influência humanista cristã. São momentos distintos, mas não contraditórios. Como afirma o filósofo alemão Woldietrich Schmied-Kowarzik, em seu livro *Pedagogia dialética*, Paulo Freire combina temas cristãos e marxistas na sua pedagogia dialético-dialógica. **Paulo Freire é um dialético.** A educação é uma prática antropológica por natureza, portanto ético-política. Por essa razão, pode tornar-se uma prática libertadora. O tema da libertação é ao mesmo tempo cristão e marxista. O método utilizado é que é diferente, a estratégia é diferente. O fim é o mesmo. Encontramos Hegel como referência desde o início. A relação opressor-oprimido lembra a relação senhor-escravo de Hegel. Depois veio Marx, Gramsci, Habermas. Seu pensamento é **humanista e dialético**.

A afirmação da utopia como práxis docente e discente lembra o paradigma humanista, cristão e socialista. O que há de original em Freire, com relação ao marxismo ortodoxo é que ele afirma a **subjetividade** como condição da revolução, da transformação social. Daí o papel da educação como conscientização. Ele afirma o papel do sujeito na história e a história como possibilidade. A história é possibilidade. Não através de um movimento mecanismo de luta de classes, pura e simplesmente, mas pela ação consciente de sujeitos históricos organizados. Depreendo de Freire que ele admitia que o socialismo é uma utopia que precisa ser renovada pela educação. Isso havia escapado a Marx e Lênin e aos marxistas em geral que pouca importância deram à educação. Por isso Paulo Freire foi criticado pelos marxistas ortodoxos.

A relação entre **educação e utopia** está na base do pensamento freireano. Ela pode ser resumida em cinco pontos:

1° - *Para construir o futuro é preciso primeiro sonhá-lo*, imaginá-lo. No seu último livro, *Pedagogia da autonomia*, ele critica o neoliberalismo exatamente por negar o sonho, por ser fatalista, por negar a possibilidade de mudança. Para ele o neoliberalismo se apresenta, arrogantemente, como a plenitude dos tempos, não reconhece que a história continua se fazendo. O neoliberalismo afirma o “fim da história” porque não lhe interessa que a história mude. Interessa sim que ela continue como está.

2° - *A pedagogia é um guia na construção do sonho*. Não basta sonhar. É preciso saber como construir o sonho. Paulo Freire apresentou os seus “saberes necessários” para realizar o sonho. Ofereceu em *Pedagogia da autonomia*, a mediação pedagógica necessária para conquistá-lo. Todos os livros de Paulo Freire são livros de pedagogia, isto é, são livros destinados à educação para construir o sonho.

3° - *A pedagogia vê primeiro o futuro*, um futuro melhor para todos, a utopia. Depois é que ela se volta para o presente e para o passado.

4° - *A pedagogia freireana é dialógico-dialética*. Não mecânica. A dialética continua válida desde que não exclua a subjetividade. Caso contrário ela se transforma numa mecânica sem sentido que lembra a divina providência cristã. A dialética mecanicista é idealista e idealizadora da realidade.

5° - *A realidade nasce e morre todos os dias*. Se alguém está vivo nasce e morre várias vezes ao dia. Todos têm direito ao sonho. Sempre é possível recomeçar.

“Um olhar sobre Paulo Freire e as perspectivas atuais da educação”, este foi o título que ousadamente dei a esta comunicação tentando mostrar a atualidade do seu pensamento. As **perspectivas atuais da educação** estão marcadas hoje pela **questão do conhecimento**. E não é por acaso. O conhecimento tornou-se peça chave para entender a própria sociedade atual. Fala-se em sociedade do conhecimento, às vezes com impropriedade. Mais do que a era do conhecimento devemos dizer que vivemos a era da informação, pois percebemos com mais facilidade a disseminação da informação e de dados, muito mais do que de conhecimentos. O acesso ao conhecimento é ainda muito precário, sobretudo em sociedades com grande atraso educacional como a nossa.

Hoje as teorias do conhecimento na educação estão centradas na aprendizagem. Partindo do pensamento freireano, podemos afirmar pelo menos **sete teses sobre a construção do conhecimento**.

1ª - *O que é conhecer?* É construir categorias de pensamento, dizia Piaget. É ler o mundo e transformá-lo, dizia Freire. Conhecer é tudo isso – construção de categorias de pensamento, ler o mundo, transformar o mundo – mesmo porque não é possível construir categorias de pensamento como se elas existissem *a priori*, independentemente do sujeito que, ao conhecer, reconstrói o que conhece.

2ª - *Como se conhecer?* Só é possível conhecer quando se deseja, quando se quer, quando nos envolvemos profundamente no que aprendemos. No aprendizado, gostar é mais importante do que criar hábitos de estudo, por exemplo. Hoje se dá mais importância às metodologias da aprendizagem, às linguagens e às línguas, do que aos conteúdos. A transversalidade e a transdisciplinaridade do conhecimento é mais valorizada do que os conteúdos longitudinais do currículo clássico.

3ª *O que conhecer?* Frente à disseminação e à generalização do conhecimento é necessário que a escola e o professor, a professora, façam uma seleção crítica, pois há muito lixo e propaganda enganosa sendo veiculados. Não faltam, também na era da informação, encantadores da palavra para tirar algum proveito, seja econômico, seja religioso, seja ideológico.

4ª - *Por que conhecer?* Conhecer é importante porque a educação se funda no conhecimento e o conhecimento na atividade humana. Para inovar é preciso conhecer. A atividade humana é intencional, não está separada de um projeto. Conhecer não é só adaptar-se ao mundo. É condição de sobrevivência do ser humano e da espécie, como diz Habermas.

5ª - *Conhecimento e interesse.* Antes de conhecer o sujeito se interessa por (Habermas), é curioso (Freire), é esperançoso (Ernst Bloch). Daí a importância do trabalho de sedução do professor, da professora, frente ao aluno, à aluna. Daí a necessidade da motivação, do encantamento. É preciso mostrar que “aprender é gostoso, mas exige esforço”, como dizia Paulo Freire no primeiro documento que encaminhou aos professores quando assumiu a Secretaria de Educação do Município de São Paulo.

6ª - *Todos podem conhecer.* Ninguém sabe tudo, ninguém ignora tudo. Todos nos educamos em comunhão (Freire).

7ª - *Só é conhecimento válido o conhecimento compartilhado* (Método Paulo Freire).

Nós educadores sentimos falta ainda de outras teses, teses que nos ajudem a entender o ato de **aprender**, para entendermos melhor o ato de ensinar. Para nós educadores não basta saber como se constrói o conhecimento. Nós precisamos dominar outros saberes da nossa difícil tarefa de ensinar. Precisamos saber o que é e, sobretudo, como aprender. As teses a seguir foram tiradas de múltiplas vivências, seja da minha prática, seja de teóricos que estudei, mas sobretudo da convivência de 23 anos com Paulo Freire. Aprendi dele muitas lições. Tivemos oportunidade, com frequência, de trocar idéias sobre isso. Paulo, como educador, estava preocupado constantemente com o ato de aprender, de estudar, de ensinar. Reuno aqui pelo menos sete teses sobre esse tema.

1ª - *Aprendemos a vida toda.* Não há tempo próprio para aprender.

2ª - *Aprender não é acumular conhecimentos.* Aprendemos história não para acumular conhecimentos, datas, informações, mas para saber como os seres humanos fizeram a história para fazermos história.

3ª - *O importante é aprender a pensar* (a realidade, não pensamentos), aprender a aprender.

4ª - *É o sujeito que aprende através da sua experiência.* Não é um coletivo que aprende.

5ª - *Aprende-se o que é significativo para o projeto de vida da pessoa.*

6ª - *É preciso tempo para aprender e para sedimentar informações.* Não dá para injetar dados e informações na cabeça de ninguém. Exige-se também disciplina e dedicação.

7ª - *Aprende-se quando se tem um projeto de vida.*

Mencionei acima Edgar Faure e Jacques Delors que coordenaram para a UNESCO comissões internacionais sobre o estado da arte da educação no mundo, o primeiro em 1970 e o segundo, vinte anos depois. Na sequência, gostaria de mencionar um estudo publicado neste ano por Edgar Morin, encomendado pela UNESCO, sobre a educação do futuro (*Sete saberes necessários à educação do futuro*). Além da contratante dos serviços existem outras coincidências nos três documentos e, sobretudo, a defesa intransigente de uma educação humanista, com todos os méritos e deméritos desta concepção de educação.

O estudo de Morin confronta-se com o contexto da educação na era da informação. O conhecimento tem hoje um peso diferente do que tinha na era da indústria. Vivemos numa época de desconforto, de desasossego. A modernidade nos fez muitas promessas que não foram cumpridas, nos diz Boaventura Santos em seu livro *Pela mão de Alice*. O trabalho desmaterializou-se. *Saber fazer* hoje tornou-se, por isso, mais cognitivo do que instrumental. Não basta aprender, pois o conhecimento é polivalente. Importa muito mais *aprender a aprender e aprender a viver juntos*, a participar em projetos comuns. Aprender tornou-se sobretudo fazer uma grande viagem ao interior do ser, com autonomia, *saber cuidar* de si, dos outros, das coisas, esses três “grandes mestres” de que nos fala Rousseau no primeiro livro do seu *Emílio*. Mais importante do que saber é nunca perder a capacidade de aprender.

Como não concordar com Morin quando ele sustenta que o ser humano é formado por uma identidade complexa, individual, e uma identidade comum, transpessoal, terrena? Mais do que terrena, cósmica. Somos **seres complexos**: loucos e sábios ao mesmo tempo, trabalhadores e lúdicos, empíricos e imaginativos, consumistas e econômicos, poéticos e prosaicos. É este o ponto de partida de Morin dos “saberes necessários à educação do futuro”. Recordemos o que ele nos diz.

1º - *Conhecer o que é conhecer*, prestar atenção à “cegueira do conhecimento”. Ao conhecer, o ser humano pode ser levado ao erro, à ilusão. É um risco que assume todo aquele que se coloca a caminho do conhecimento. Aprender que o próprio erro faz parte desta busca. Existe muito conhecimento produzido pela nossa fantasia. Sem querer, mentimos para nós mesmos. Nossa memória falha. Daí a necessidade de um combate incessante pela lucidez.

2º - *Conhecer o que é pertinente.* Não aprender por aprender ou aprender qualquer coisa. Selecionar o que aprendemos. Aprender o global, o complexo, o contexto. Relacionar o todo com as partes. Superar as antinomias sujeito-objeto, qualidade-quantidade, razão-emoção, liberdade-determinação, essência-existência, superar a racionalização, isto é, a falsa racionalidade.

3° - *Ensinar a condição humana*. O ser humano, na sua existência individual e cósmica, é tudo o que devemos aprender. Conhecer o sentido das nossas vidas, a origem e o destino do universo ou, como diz Morin, nossa "identidade complexa" e nossa "identidade comum", mais do que terrena. Fazemos parte de um universo em expansão, em auto-organização viva e permanente. Estamos ligados ao mesmo tempo ao sol, que está ligado ao cosmos.

4° - *Ensinar a identidade terrena*. Nosso destino comum no planeta. Compartilhamos com outros seres e coisas, a vida num planeta no qual nosso destino é comum a todos os que fazem parte dele. Nossa identidade terrena nos liga ao destino cósmico, muito mais do que a uma sociedade. Educar para adquirirmos e aperfeiçoarmos nossa identidade e consciência terrenas.

5° - *Educar para enfrentar as incertezas*. Aprender a navegar no oceano do imprevisto, do inesperado, do incerto. A incerteza faz parte da história humana. "O futuro permanece aberto e imprevisível", nos diz Morin. "O futuro é possibilidade", nos diz Freire.

6° - *Ensinar a compreensão*. O fim da comunicabilidade humana não é explorar o outro, tirar proveito dele, mas compreendê-lo melhor. Educar para superar a visão mercenária e capitalista de comunicar para manipular. Todos necessitamos de compreensão. Educação omnilateral, multicultural, integral. Comunicação não apenas racional, intelectual, mas afetiva e emocional, intersubjetiva, disponível, aberta a reaprender sempre.

7° - *Aprender a ética do gênero humano*. O novo paradigma é a Terra. A Terra vista como uma única comunidade (Leonardo Boff). A ética não se confunde com uma postura moral individual. Ela representa um comportamento novo face a uma nova compreensão do ser humano como indivíduo/sociedade/espécie. Não tem sentido termos inimigos uns dos outros pois somos hóspedes de uma mesma Terra, cidadãos do mundo. A Terra é uma Mãe-Pátria comum.

Tudo isso parece muito óbvio, ideal, até idealizado. Por que não fizemos isso até agora? A distância está entre perceber e fazer. Esperamos fazer tudo isso... mas no futuro. E ficamos home com a consciência tranqüila. O que Morin e a UNESCO nos querem demonstrar é que agora temos consciência do que podemos fazer. Não resta dúvida, contudo, que o grau de generalidade dos discursos das grandes organizações inter-governamentais, das grandes **conferências mundiais** de educação, têm muita probabilidade de ficarem no papel. Por que? Porque em educação não basta estar certo. É preciso que esses grandes ideais da educação sejam assumidos pelos agentes da educação, pelo coletivo. Não só assumidos, mas legitimados pelo coletivo. É o coletivo que opera a mudança.

Na década de 90, inspirado na obra de Paulo Freire, nasceu no Brasil um grande movimento em torno da tese da **educação para e pela cidadania**, chamado pelo Instituto Paulo Freire de "Projeto da Escola Cidadã". O movimento pela "Escola Cidadã", nasceu no final da década de 80 na educação municipal para fazer frente ao projeto político-pedagógico neoliberal. José Eustáquio Romão defendeu esta tese em seu livro *Dialética da diferença*, em que confronta o pensamento neoliberal com o pensamento freireano que inspirou o Projeto da Escola Cidadã.

A Escola Cidadã está fortemente enraizada no movimento de educação popular comunitária que, na década de 80, traduziu-se pela expressão *escola pública popular* com uma concepção e uma prática da educação realizada em diversas regiões do país. A concepção de educação popular é certamente a contribuição mais importante da América Latina ao pensamento pedagógico universal.

São inúmeras e profundas as **consequências** dessa concepção da educação em termos não apenas de gestão, mas em termos de atitudes e métodos e que formam o novo professor, o novo aluno, o novo sistema, o novo currículo, a nova **pedagogia da educação cidadã**. A seguir enumero algumas delas.

Na Escola Cidadã a presença do professor é importante, mas de um **novo professor**, mediador do conhecimento, sensível e crítico, aprendiz permanente e organizador do trabalho na escola, um orientador, um cooperador, curioso e, sobretudo, um construtor de sentido, um cidadão. Ensinar não é transferir conhecimentos. É criar as possibilidades para a sua produção, para a sua construção.

O aluno chega à escola transportando consigo cada vez mais um mundo e uma carga de informações que ultrapassam o estreito âmbito da família, transmitidas sobretudo pelos meios de comunicação. As crianças hoje dedicam menos tempo à escola e ao estudo do que à televisão. Como fazer uma escola eficaz para esse aluno? Necessitamos de uma **pedagogia** que promova a aprendizagem permanente. A era do conhecimento é também a era da sociedade aprendente: todos tornaram-se aprendizes. A pedagogia da escola cidadã, a pedagogia da educação para e pela cidadania, não está mais centrada na didática, mas na ética e na filosofia. Ela se pergunta como devemos ser para aprender antes de nos perguntar o que devemos saber para aprender e ensinar. Muda a relação ensino-aprendizagem. O diálogo é fundamental, como nos ensinou Paulo Freire. O professor não é mais o que sabe e o aluno o que aprende. Ambos, em sessões de trabalho ("círculos de cultura"), aprendem e ensinam com o que juntos descobrem.

Surge então o **novo aluno** da Escola Cidadã: sujeito da sua própria formação, curioso, autônomo, motivado para aprender, disciplinado, organizado, mas, sobretudo, cidadão do mundo e solidário. Muitas variáveis influenciam a vida pessoal e profissional de uma pessoa. Contudo, pode-se dizer que, para um bom desempenho profissional, vale muito hoje um **histórico escolar coerente**, sem sobressaltos, sem anos interrompidos, sem notas altas e baixas... valerá uma certa regularidade no "currículo". Valerá o engajamento em atividades coletivas, a prestação de serviços voluntários; valerão os estágios feitos. O que fará a diferença é a **vivência do estudante**, sua capacidade de adaptar-se a novas situações, seu espírito crítico, facilidade de comunicar-se, capacidade de lidar com pessoas e de trabalhar em equipe. Não valerá a acumulação de conhecimentos. Ser aluno brilhante, sobretudo numa "escola lecionadora", burocrática, não valerá grande coisa. Por isso, **avaliação** de um aluno deve ser global, deve levar em conta um conjunto de critérios, não por disciplina, mas por um programa que incentive a capacidade de continuar aprendendo.

A Escola Cidadã é realmente uma **nova escola**, gestora do conhecimento, não lecionadora, uma escola com projeto eco-político-pedagógico, isto é, um projeto ético, uma escola inovadora, construtora de sentido e plugada no mundo. A capacidade de inovar é essencial na educação do futuro e esta depende também da autonomia dos estabelecimentos de ensino, tanto na gestão dos recursos quanto na gestão da própria escola e da construção do seu projeto pedagógico. O surgimento desta **escola do futuro**, desse aluno e desse professor, depende muito também do surgimento de um **novo sistema de ensino**, único, na medida em que deve democratizar o conhecimento, e descentralizado, na medida em que permite uma pluralidade de organizações e instituições. Esse talvez seja o maior obstáculo à escola cidadã e à educação para e pela cidadania. Ela cresce na base e isso é importante. Mas tem seu crescimento dificultado num sistema de ensino burocrático, lento, preguiçoso, que impede e desestimula a inovação.

Não se pode falar do movimento da Escola Cidadã sem mencionar a **reorientação curricular** a ele associada. O currículo da Escola Cidadã é considerado como espaço de relações sócio-culturais. Além de ser o espaço do conhecimento é também o espaço do debate das relações sociais e humanas, o espaço do poder, do trabalho e do cuidado, da gestão e da convivência. Por isso tem a ver com a ética, a sustentabilidade, a questão da violência. Currículo e projeto eco-político-pedagógico da escola são realidades inseparáveis. O currículo revela a trajetória político-pedagógica da escola, seus sucessos e insucessos, seus fracassos e vitórias. Se a escola deve continuar o projeto de vida de seus instituintes – professores, funcionários, alunos e comunidade – o currículo relaciona-se também com o projeto de vida de cada um. Por isso, ele precisa ser avaliado e reavaliado constantemente. Ele não pode reduzir-se a conteúdos disciplinares ou atitudinais. Não pode limitar-se a saberes e competências ligados à inteligência. Na Escola Cidadã ele é considerado ao mesmo tempo contexto e processo, projeto de vida institucional e individual.

Nos últimos anos, a concepção de Escola Cidadã foi marcada pela **Ecopedagogia** entendendo o novo currículo com base na idéia de sustentabilidade. A educação para e pela cidadania é também uma educação para uma **sociedade sustentável**. A Escola Cidadã e a Ecopedagogia sustentam-se no princípio de que todos, desde crianças, temos um direito fundamental que é o de sonhar, de fazer projetos, de inventar, como pensavam Marx e Freire; todos temos o direito de decidir sobre nosso destino, também as crianças, como sustentava o educador polonês Janusz Korczak. E não se trata de reduzir a escola e a pedagogia atuais a uma *tabula rasa* e construir por cima de suas cinzas a Escola Cidadã ideal e a ecopedagogia. Não se trata de uma escola e de uma pedagogia "alternativas", no sentido de que devem ser construídas separadamente da escola e da pedagogia atuais. Trata-se de, no interior delas, a partir da escola e da pedagogia que temos, dialeticamente, construir outras possibilidades, sem aniquilar tudo o que existe. O futuro não é o aniquilamento do passado, mas a sua superação.

Os problemas atuais, inclusive os problemas ecológicos, são provocados pela nossa maneira de viver e a nossa maneira de viver é inculcada pela escola, pelo que ela seleciona ou não seleciona, pelos valores que transmite, pelos currículos, pelos livros didáticos. Precisamos reorientar a educação a partir do **princípio da sustentabilidade**, isto é, retomar nossa educação em sua totalidade. Isso implica uma revisão de currículos e programas, sistemas educacionais, do papel da escola e dos professores e da organização do trabalho escolar. A ecopedagogia, tal como vem sendo desenvolvida pelo Instituto Paulo Freire, implica uma **reorientação dos currículos** para que incorporem certos princípios, tais como:

- 1° - considerar o planeta como uma única comunidade;
- 2° - considerar a Terra como mãe, como um organismo vivo e em evolução;
- 3° - construir uma nova consciência que sabe o que é sustentável, apropriado, e faz sentido para a nossa existência;
- 4° - ser terno para com essa casa, a Terra, nosso único endereço;
- 5° - desenvolver o senso de justiça sócio-cósmica considerando a Terra como um grande pobre, o maior de todos os pobres;

6° - promover a vida: envolver-se, comunicar-se, compartilhar, problematizar, relacionar-se, entusiasmar-se;

7° - caminhar cotidianamente com sentido;

8° - desenvolver uma racionalidade intuitiva e comunicativa: afetiva, não instrumental.

As pedagogias clássicas eram antropocêntricas. A ecopedagogia parte de uma consciência planetária (gêneros, espécies, reinos, educação formal, informal e não-formal). Ampliamos o nosso ponto de vista. Do homem para o planeta, acima de gêneros, espécies e reinos. De uma visão antropocêntrica para uma consciência planetária e para uma nova referência ética. A Escola Cidadã, orientando-se por uma Ecopedagogia ou **Pedagogia da Terra**, deve, por isso, ser entendida também como uma alternativa para a construção de uma sociedade sustentável.

O conhecimento é o grande capital da humanidade. Não é apenas o capital da empresa transnacional que precisa dele para a inovação tecnológica. Ele é básico para a sobrevivência de todos. Por isso ele não deve ser vendido ou comprado, mas disponibilizado a todos. Esta é a função de instituições que se dedicam ao conhecimento, apoiados nos avanços tecnológicos. Esperamos que a **educação do futuro** seja mais democrática, menos excludente. Essa é ao mesmo tempo nossa causa, nossa aposta, nosso desafio. Infelizmente, diante da falta de políticas públicas no setor, acabaram surgindo "indústrias do conhecimento" prejudicando uma possível visão humanista, transformando o conhecimento em instrumento de lucro e de poder econômico.

Cabe à Escola Cidadã inserir-se ativamente no movimento global de renovação cultural aproveitando-se de toda a riqueza de informações disponibilizada pelas **novas tecnologias**. Hoje é a empresa que está assumindo esse papel inovador. A escola não pode ficar a reboque das inovações tecnológicas. Ela precisa ser um centro de inovação. Nós temos uma tradição de dar pouca importância à educação tecnológica, a qual deveria começar já na educação infantil. Na **sociedade da informação** a escola deve servir de bússola para navegar nesse mar do conhecimento, superando a visão utilitarista de só oferecer informações "úteis" para a competitividade, para obter resultados. Deve oferecer uma formação geral na direção de uma educação integral. O que significa servir de bússola? Significa orientar criticamente, sobretudo as crianças e jovens, na busca de uma informação que os faça crescer e não embrutecer.

Hoje vale tudo para aprender. Isso vai além da "reciclagem" e da atualização de conhecimentos e muito além da "assimilação" de conhecimentos. A sociedade do conhecimento é uma sociedade de múltiplas oportunidades de aprendizagem: parcerias entre o público e o privado (família, empresa, associações...), avaliações permanentes, debate público, autonomia da escola, generalização da inovação. As consequências para a escola e para a educação em geral são enormes: ensinar a pensar; saber comunicar-se; saber pesquisar; ter raciocínio lógico; fazer sínteses e elaborações teóricas; saber organizar o seu próprio trabalho; ter disciplina para o trabalho; ser independente e autônomo; saber articular o conhecimento com a prática; ser aprendiz autônomo e a distância.

Neste contexto de impregnação do conhecimento **cabe à escola**: amar o conhecimento como espaço de realização humana, de alegria e de contentamento cultural; cabe-lhe selecionar e rever criticamente a informação; formular hipóteses; ser criativa e inventiva (innovar); ser provocadora de mensagens e não pura receptora; produzir, construir e reconstruir conhecimento elaborado. E mais: numa perspectiva emancipadora da educação, a escola tem que fazer tudo isso **em favor dos excluídos**. Não discriminar o pobre. Ela não pode distribuir poder, mas pode construir e reconstruir conhecimentos, saber, que é poder. A tecnologia contribuiu pouco para a emancipação dos excluídos se não for associada ao exercício da cidadania. A escola deixará de ser "lecionadora" para ser "gestora do conhecimento". A educação tornou-se estratégica para o desenvolvimento. Mas, para isso, não basta modernizá-la. Será preciso transformá-la profundamente.

A escola precisa ter projeto, precisa de dados, precisa fazer sua própria inovação, planejar-se a médio e a longo prazos, fazer sua própria reestruturação curricular, elaborar seus parâmetros curriculares, enfim, ser cidadã. As mudanças que vêm de dentro das escolas são mais duradouras do que as impostas de fora. Da sua capacidade de inovar, registrar, sistematizar a sua prática/experiência, dependerá o seu futuro. Nesse contexto, o educador é um mediador do conhecimento, diante do aluno que é o sujeito do sua própria formação. Ele precisa construir conhecimento a partir do que faz. Para isso ele também precisa ser curioso, buscar sentido para o que faz e apontar novos sentidos para o que fazer dos seus alunos.

Em geral temos a tendência de desvalorizar o que fazemos na escola e de buscar receitas fora dela quando é ela mesma que deveria governar-se. É dever dela ser cidadã e desenvolver na sociedade a capacidade de governar e controlar o desenvolvimento econômico e o mercado. A **cidadania** precisa controlar o Estado e o Mercado. A escola precisa dar o exemplo, ousar construir o futuro. Inovar é mais importante do que reproduzir com qualidade o que existe. A matéria prima da escola é sua visão do futuro.

LIÇÕES DE FREIRE

Moacir Gadotti (*)

Vivi 23 anos muito próximo de Paulo Freire. Trabalhávamos juntos e estávamos envolvidos com os mesmos temas educacionais. Li, certa vez, que “a verdadeira amizade chega quando o silêncio entre duas pessoas é agradável”. Com Paulo Freire era assim, falávamos horas seguidas, concordávamos em muitas coisas, mas discordávamos em tantas outras e, às vezes, o debate nos inflamava. Mas nunca sem perder o respeito. Colocávamos os pontos divergentes e apresentávamos os respectivos argumentos que os sustentavam. Com um olhar meio maroto, ele carinhosamente colocava a mão no ombro, como costumava fazer com todos os seus amigos quando queria chamar a atenção para o que estava dizendo, e apresentava seus contra-argumentos. Jamais se furtava ao debate. Mas havia também, depois de longas conversas, momentos de absoluto silêncio, o agradável silêncio de que trata a citação feita anteriormente: o silêncio-carinho, o silêncio-pausa para refletir, o silêncio-prazer de aprender.

E assim foram os anos se passando, desde 1974, numa relação de “sins”, de silêncios, de diálogo e de conflito. Inicialmente isto ocorria em Genebra, seja no seu enfumado escritório no seu apartamento da Rue de Lancy, seja no Restaurante do Conselho Mundial de Igrejas para um almoço ou um cafezinho.

Em 1967, no meu Curso de Pedagogia, li e estudei em profundidade o livro *Educação como prática da liberdade*. A Faculdade Nossa Senhora Medianeira onde estudava exigia como trabalho de conclusão, uma espécie de tese, para obter o grau de Licenciado. Concentrei minha exposição na análise do terceiro capítulo daquele livro que tratava da relação entre “massificação versus educação”. Seu livro *Pedagogia do oprimido* ainda não havia sido publicado. Li-o pela primeira vez em francês, quando já me encontrava no exterior.

Mas voltemos a 1967. Quando expus o meu trabalho no curso, Paulo Freire era conhecido principalmente pelo seu “método” de educação de adultos. Três anos haviam se passado do golpe militar e do exílio de Paulo e as notícias sobre os exilados políticos eram censuradas. Muitos jornais, inclusive muitos intelectuais, estavam apenas tomando consciência da **brutalidade do regime militar**, que se acentuaria nos anos seguintes. A repressão havia se intensificado desde o ano anterior com a prisão de estudantes e professores que manifestavam sua opinião contrária ao regime.

A repressão e a intimidação aumentaram. Em 1969 comecei a lecionar na mesma Faculdade onde havia concluído o curso. Ela era constantemente vigiada. Uma colega do Departamento de Filosofia, Lídia Acerboni, foi obrigada a sair do país e todos ficamos temendo que a repressão fosse ainda muito mais longe. Decidi, então, sair do país. Fazer um doutorado no exterior e poder ter contato com educadores como Paulo Freire não era uma fuga mas uma possibilidade de aprender mais sobre o Brasil. Foi o que aconteceu comigo. De longe e com a liberdade de que não dispúnhamos no Brasil, pudemos aprender mais sobre a situação social e política brasileira. O encontro, em 1974, na **Universidade de Genebra**, com o educador que eu havia estudado 7 anos antes, foi muito emotivo para mim. Era tudo com que eu sonhava na terra de Jean-Jacques Rousseau. Paulo convidou-me para ir para a **África** com os meus colegas de curso Arturo Ornellas e Miguel Escobar. Com crianças pequenas em casa não pude ir, já que teria que ficar seis meses fora.

(*) **Moacir Gadotti** é professor titular da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e diretor do Instituto Paulo Freire. Escreveu, entre outras obras: *Convite à leitura de Paulo Freire*, publicado em 1989 pela Editora Scipione, *Pedagogia da práxis*, com prefácio de Paulo Freire, publicado em 1996 pela Editora Cortez e *Paulo Freire: uma biobibliografia*, publicado pelo Instituto Paulo Freire e pela Editora Cortez em 1996. Este último livro, com 780 páginas, é a obra mais completa existente sobre Paulo Freire e está sendo traduzida em diversas línguas.

Lamentei muito não poder participar. Contudo, segui de perto toda a experiência africana de Paulo pelos relatos que ele fazia e pelos textos que produzia sobre essa experiência.

Entre 1975 e 1977 Paulo discutia comigo a tese que eu estava fazendo sobre a "educação permanente". Ele participou da banca examinadora falando em português. Foi nessa época que combinamos retornar ao Brasil. No início, Elza, sua esposa, opôs-se dizendo que no Brasil não teria a mesma assistência médica que teria na Suíça (Elza sofria do coração e mais tarde implantaria um marca-passo). Faleceu em 1986, vítima de ataque cardíaco, como Paulo Freire.

Eu voltei ao **Brasil** em junho de 1977 e Paulo e Elza dois anos e meio depois. Em 1980, Paulo visitou o CEDES (Centro de Estudos Educação e Sociedade), uma organização não-governamental que eu dirigia junto à Universidade Estadual de Campinas, que o havia convidado a trabalhar. Dois anos depois, como membros do Partido dos Trabalhadores, criamos a Fundação Wilson Pinheiro para subsidiar o partido com estudos, pesquisas e reflexões sobre questões sócio-políticas, econômicas e culturais. Começamos um intenso programa de debates e conferências em diversas partes do mundo. Escrevemos alguns trabalhos em parceria e, em 1989, quando Paulo Freire se torna Secretário Municipal de Educação, assumi a chefia do seu gabinete. Em 1991 ele sugeriu a criação do Instituto que leva o seu nome. Desde então estamos nos dedicando ao estudo, pesquisa e divulgação do seu legado.

Depois de tantos anos de **convivência**, o leitor deste pequeno artigo certamente compreenderá a dificuldade que tenho de falar dele, passados apenas alguns meses de seu falecimento. É difícil transformar a dor em saudades. Alguns dias antes de sua morte, estávamos discutindo ainda vários projetos a serem desenvolvidos pelo Instituto Paulo Freire (IPF) que era, para ele, um espaço de busca de novas teorias e práticas educacionais. Ele havia projetado ministrar aí vários cursos, inclusive um para estudantes estrangeiros. Ele nos dizia que era muito sacrificado para ele viajar para o exterior e que seria melhor que os estudantes estrangeiros que desejassem ouvi-lo pudessem ser recebidos no IPF. Faleceu no auge de sua produção intelectual, com um livro inacabado e muitos projetos.

Depois da partida de Paulo Freire, recebemos mais de 600 mensagens de condolências, enviadas à família e ao Instituto. Todas elas são manifestações de carinho e de imenso apreço pelo grande educador. Elas mencionam a profunda dor e tristeza pela **perda** de um mestre mas também as **saudades** que ele está deixando, evidenciando o impacto de sua práxis em muitas partes do mundo. Professores de aproximadamente 150 universidades enviaram mensagens. Isso demonstra a repercussão de suas idéias também no meio acadêmico.

Suas idéias poderão ter despertado controvérsias, mas não a sua pessoa. Muitas das mensagens recebidas no IPF dizem textualmente: "minha vida não seria a mesma se eu não tivesse lido a obra de Paulo Freire. O que ele escreveu ficará no meu coração e na minha mente". Essa relação entre o **cognitivo** e o **afetivo** é muito forte na obra de Paulo Freire e também naqueles que foram influenciados por ele. Essa relação era muito forte também na obra de Paulo Freire. Ele não envolvia as pessoas emocionalmente só através de suas tão encantadoras falas, mas também através de seus escritos.

Ainda uma observação sobre as mensagens recebidas. Além de revelarem o impacto teórico e afetivo sobre a vida de tantos seres humanos de todas as partes do mundo, essas manifestações terminam sempre com o desejo de unir-se a outras pessoas e instituições para dar **continuidade ao seu trabalho**, ao seu compromisso, que era sobretudo o compromisso com os oprimidos. Não o compromisso com os oprimidos deste ou daquele lugar - da América Latina por exemplo - mas com os **oprimidos de todo o mundo**. Há portanto um sentimento comum de que devemos continuar a tarefa da **conscientização**, da não violência, do trabalho de organização dos excluídos, dos pobres, dos pescadores, dos agricultores, dos sem-terra, dos sem-teto, das minorias oprimidas.

Mesmo tendo passado mais de um mês de sua morte, as **paredes do Instituto Paulo Freire** estão impregnadas de sua presença. Há uma sensação de que ele não morreu. A impressão que temos é que se trata de mais uma das ausências entre uma viagem e outra, entre uma reunião e outra e que ele, a qualquer momento, poderá estar novamente entre nós. Recebemos mensagens de

peessoas que dizem ter rezado por ele. Outros dizem que há um misto de **presença** e de **ausência** dele. Como ele escreveu ao deixar a Secretaria de Educação de São Paulo, em 1992, na carta de despedida: “Continuem contando comigo na construção de uma escola com outra “cara” mais alegre, fraterna e democrática... Continuarei junto de vocês, de outra forma. Vou ficar mais livre para assumir outro tipo de presença”. Agora temos a presença do seu legado.

Paulo Freire confessou no último grande Congresso Internacional sobre o seu pensamento, realizado em setembro de 1996, em Vitória (ES), que, desde criança, era um “**menino conectivo**”. Essa característica não era apenas pessoal. Era também epistemológica. Ele conseguia, melhor do que qualquer outro intelectual que conheço, criar laços, interligar as categorias história, política, economia, classe, gênero, etnia, pobres e **não-pobres**. Sua pedagogia não é apenas uma pedagogia para os pobres. Ele, como ser conectivo, queria ver também os não-pobres e as classes médias se engajando na transformação do mundo.

Em todos os escritos de Freire, dos mais antigos aos mais atuais, ele nos falava das virtudes como exigências ou **virtudes** necessárias à prática educativa transformadora. Mas ele também nos deu exemplo de algumas virtudes, entre elas, a **coerência** e a **simplicidade**. Ele não foi coerente por teimosia. Para ele a coerência era uma virtude que tomava a forma da esperança permanente. Paulo praticava sobretudo a virtude do **exemplo**: dava testemunho do que pensava. Nessa coerência entre **teoria e prática** eu destacaria o valor da solidariedade. Paulo se insurgia contra um provérbio popular: “Minha liberdade termina quando começa a liberdade do outro”. Não - dizia ele - a minha liberdade termina quando termina a liberdade do outro. Se o outro não é livre eu também não sou livre. A minha liberdade acaba quando acaba a liberdade do outro.

Outra virtude que conquistou foi a **simplicidade**. O simples não é fácil. É difícil ser simples. É sabedoria. Ele conseguia estranhar o saber cotidiano sem ser pernóstico, arrogante. Paulo detestava o intelectual arrogante, sobretudo o intelectual arrogante de esquerda. Para ele o intelectual de direita já era por convicção arrogante, mas o de esquerda era por deformação. O simples não se opõe ao concreto e ao complexo. Opõe-se ao prolixo. A simplicidade de Paulo Freire era densa, concreta e complexa.

Paulo Freire era também um ser humano esperançoso. Não por teimosia, mas por “imperativo histórico e existencial”, afirma no seu livro *Pedagogia da esperança*. Além da **esperança** cultivou a **autonomia**. Autonomia é a capacidade de decidir-se, de tomar o próprio destino nas suas mãos. Diante de uma economia de mercado que invade todas as esferas de nossa vida, precisamos lutar - também através da educação - para criar na sociedade civil a capacidade de governar e controlar o desenvolvimento (alternativa ao socialismo autoritário). Paulo Freire tinha um verdadeiro **gosto pela democracia**. Ele sempre a tratava com carinho.

O que mais o preocupava nos últimos anos era o avanço de uma globalização capitalista neoliberal. Por que Paulo Freire atacava tanto o **pensamento e a prática neoliberal**? Porque o neoliberalismo é visceralmente contrário ao núcleo central do pensamento de Paulo Freire que é a **utopia**. Enquanto o pensamento freireano é utópico o pensamento neoliberal abomina o sonho. Para Paulo Freire o futuro é **possibilidade**. Para o neoliberalismo o futuro é uma **fatalidade**. O neoliberalismo apresenta-se como única resposta à realidade atual, desqualificando qualquer outra proposta. Desqualifica principalmente o Estado, os Sindicatos e os Partidos Políticos. Denuncia a política fazendo política. Paulo Freire atacava a **ética do mercado** sustentada pelo neoliberalismo, porque ela se baseia na lógica do controle e afirmava uma **ética integral** do ser humano. No seu livro *Pedagogia da autonomia* (p. 15) ele destaca: “Daí a crítica permanentemente presente em mim à malvadez neoliberal, ao cinismo de sua ideologia fatalista e a sua recusa inflexível ao sonho e à utopia. Daí a minha raiva, legítima raiva, que envolve o meu discurso quando me refiro às injustiças a que são submetidos os esfarrapados do mundo. Daí o meu nenhum interesse de, não importa que ordem, assumir um ar de observador imparcial, objetivo, seguro, dos fatos e dos acontecimentos. Em tempo algum pude ser um observador ‘acinzentadamente’ imparcial, o que, porém, jamais me afastou de uma posição rigorosamente ética”. O anti-academicismo de Freire é conhecido. E assim termina o mesmo livro (p. 165): “Nem a arrogância é sinal de competência nem a competência é

causa da arrogância. Não nego a competência, por outro lado, de certos arrogantes, mas lamento neles a ausência da simplicidade que, não diminuindo em nada seu saber, os faria gente melhor. Gente mais gente”.

A educação não pode orientar-se pelo paradigma da empresa que dá ênfase apenas à eficiência. Este paradigma ignora o ser humano. Para este paradigma, o ser humano funciona apenas como puro agente econômico, um “fator humano”. O **ato pedagógico** é democrático por natureza, o **ato empresarial** orienta-se pela “lógica do controle”. O neoliberalismo consegue **naturalizar a desigualdade**. “É assim mesmo”, “Não há outra coisa a fazer”, ouve-se dizer. Por isso, Paulo Freire chama nossa atenção para a necessidade de observarmos o processo de construção da **subjetividade democrática**, mostrando, ao contrário, que a desigualdade não é natural. É preciso aguçar nossa capacidade de estranhamento. Precisamos ter cuidado com a anestesia da ideologia neoliberal: ela é fatalista, vive de um discurso fatalista. Mas não há nenhuma realidade senhora dela mesma. O neoliberalismo age como se a **globalização** fosse uma realidade definitiva e não uma categoria histórica.

A concepção de mundo e a sua teoria sócio-político-educativa nos ajudam não apenas a entender melhor como funciona o modelo neoliberal, mas nos ajudam a construir a resposta necessária ao neoliberalismo. Ele defende uma **nova modernidade** cuja racionalidade deve estar “molhada de afetividade”. Contra o iluminismo pedagógico e cultural que acentua apenas a aquisição de conteúdos curriculares, ele realça a importância da dimensão cultural nos processos de transformação social. A educação é muito mais do que a instrução. Para ser transformadora - transformar as condições de opressão - ela deve enraizar-se na **cultura dos povos**. A pós-modernidade se caracteriza pelo simulacro e pelo consumo imediato. Ora, a educação é um processo a longo prazo e precisa combater o imediatismo, o consumismo, se quiser contribuir para a construção de uma pós-modernidade progressista. A educação, para ser libertadora, precisa construir entre educadores e educando uma verdadeira consciência histórica. E isso demanda tempo.

Paulo Freire era uma pessoa feliz. Ele tinha verdadeiro prazer em aprender e transmitia esse prazer para os que conviviam com ele, seja na sala de aula, seja em outros lugares. Aprende-se quando se **quer** aprender e só se aprende o que é **significativo**, dizem os construtivistas. Paulo Freire também foi um dos criadores do construtivismo, mas do **construtivismo crítico**. Desde suas primeiras experiências no nordeste brasileiro, no início dos anos 60, ela buscava fundamentar o ensino-aprendizagem em **ambientes interativos**, através do uso de recursos audiovisuais. Mais tarde reforçou o uso de novas tecnologias, principalmente o vídeo, a televisão e a informática. Mas não aceitava a sua utilização de forma acrítica.

O construtivismo freireano vai além da **pesquisa** e da **tematização**: a terceira etapa do seu método - a problematização - supõe a ação transformadora. O conhecimento não é libertador por si mesmo. Ele precisa estar associado a um compromisso político em favor da causa dos excluídos. O conhecimento é um bem imprescindível à produção de nossa existência. Por isso ele não pode ser objeto de compra e venda, cuja posse fique restrita a poucos. Paulo Freire tinha um verdadeiro **amor pelo conhecimento** e amor pelo estudo. Mas dizia, conhecemos para: a) **entender o mundo** (palavra e mundo); b) para **averiguar** (certo ou errado, busca da verdade e não apenas trocar idéias); c) para **interpretar e transformar** o mundo. O conhecimento deve constituir-se numa ferramenta essencial para intervir no mundo.

Para Paulo Freire, o conhecimento é construído de forma integradora e interativa. Não é **algo pronto** a ser apenas “apropriado” ou “socializado”, como sustenta a pedagogia dos conteúdos. Por isso, essa pedagogia sustenta, até hoje, a necessidade da memorização. Conhecer é **descobrir e construir** e não copiar. Na busca do conhecimento, Paulo Freire aproxima o estético, o epistemológico e o social. Para ele é preciso reinventar um conhecimento que tenha “feições de beleza”.

A **escola** não distribui poder, mas constrói saber que é poder. Não mudamos a história sem conhecimentos, mas temos que **educar o conhecimento** para que possamos interferir no mercado como sujeitos, não como objeto. O **papel da escola** consiste em colocar o conhecimento nas mãos

dos excluídos de forma crítica, porque, a **pobreza política** produz **pobreza econômica**. “Ninguém ignora tudo, ninguém sabe tudo”, dizia Freire. Ninguém é ignorante de tudo, mas o “analfabeto político” não consegue entender as causas da sua pobreza econômica. Por isso Paulo Freire associava alfabetização e politização. A pedagogia neoliberal é uma **pedagogia da exclusão** justamente porque reduz o pedagógico ao estritamente pedagógico, buscando retirar da pedagogia a sua essência política. A **pedagogia da esperança** é o oposto da pedagogia da exclusão. Ensinar é inserir-se na história: não é só estar na sala de aula, mas num imaginário político mais amplo.

Paulo Freire colocou o oprimido no **palco da história**, pelo seu engajamento político e pela sua teoria como contra-narrativa ao discurso dos poderosos e privilegiados. Ela valorizava, além do saber científico elaborado, também o saber primeiro, o **saber cotidiano**. Sustentava que o aluno não registra em separado as significações instrutivas das significações educativas e cotidianas. Ao incorporar conhecimento, ele incorpora outras significações, tais como: como conhecer, como se produz e como a sociedade utiliza o conhecimento... enfim, o saber cotidiano do seu grupo social.

Outra noção que ele desenvolveu e que a distinguia de toda a conotação neoliberal, era a noção de **qualidade**. Quando estava à frente da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo ele nos falava de uma “nova qualidade”. A qualidade é todos (quantidade) terem acesso ao conhecimento e a relações sociais e humanas renovadas. Qualidade é **empenho ético, alegria de aprender**. Para o pensamento neoliberal, a qualidade se confunde com a **competitividade**. Negam a necessidade da **solidariedade**. Contudo, as pessoas não são competentes porque são competitivas, mas porque sabem enfrentar seus problemas cotidianos junto com os outros e não individualmente.

Uma outra contribuição de Freire à história das idéias pedagógicas é a sua **concepção de currículo**. Não se pode entender a pedagogia de Freire sem entender os conceitos de transdisciplinaridade, transcurricularidade e interculturalidade. A inter e a transdisciplinaridade freireanas não são apenas um **método** pedagógico ou uma **atitude** do professor. Elas se constituem numa verdadeira **exigência** da própria natureza do ato pedagógico. Paulo Freire, na prática, sabia trabalhar com **várias disciplinas** ao mesmo tempo: a etnografia, a teoria literária, a filosofia, a política, a economia, a sociologia, etc. Trabalhava mais com teorias do que com disciplinas ou currículos que dizia deveriam ser ultrapassados. Insistia que os alunos buscassem fora de seu currículo outros conhecimentos, na educação principalmente. Para o ato pedagógico concorrem muitas ciências. Além disso, ele trabalhava ao mesmo tempo também com **várias perspectivas** teóricas: a do militante político, do filósofo da libertação, do cientista, do intelectual, do revolucionário, etc.

Nos últimos anos, ele estava programando organizar uma série de **vídeos** para possibilitar o acesso ao conhecimento a maior número de pessoas. Não se aprende tudo na escola, continuava insistindo. A TV, o vídeo e o computador podem ser ferramentas preciosas para as camadas populares. Mas precisamos aprender a ser **emissores** e não apenas **receptores** de idéias. Prezava a **cultura midiática**. Ela pode ser tanto um complemento do que aprendemos na escola como também um motor do conhecimento. Ela pode nos despertar para certos **temas geradores** que o saber escolar ignora ou valoriza pouco, que podem ser, por exemplo, de um lado, a pobreza e a violência, e, de outro, a solidariedade e a interculturalidade. Os meios de comunicação mais modernos exploram a sensibilidade. Ora, é verdade que só aprendemos o que sentimos profundamente. A mídia pode nos sensibilizar e a escola pode partir desta sensibilização para ir além. Tanto a criança da classe média quanto a criança das classes populares estão igualmente expostas à cultura midiática. Nisso elas competem em igualdade de condições. Não é o caso da cultura escolar. A criança das classes populares não encontra na escola uma continuidade da sua cultura familiar como a criança das classes médias que dispõe de um ambiente letrado em casa. A escola e o vídeo são espaços diferentes de aprendizagem e não antagônicos.

Qual é o **legado** que Paulo Freire nos está deixando?

Em primeiro lugar, ele nos deixou sua vida, uma rica **biografia**. Paulo nos encantou com a sua **ternura**, sua doçura, seu carisma, sua coerência, seu compromisso, sua seriedade. Suas palavras e suas ações foram palavras e ações de luta por um mundo “menos feio, menos malvado, menos

desumano". Ao lado do amor e da esperança, ele também nos deixou um legado de indignação diante da injustiça. Diante dela, dizia que não podemos "adocicar" nossas palavras.

Além do testemunho de uma vida de compromisso com a causa dos oprimidos, ele nos deixou uma imensa **obra**, estampada em muitas edições de seus livros, em artigos e vídeos espalhados pelo mundo. Nela se encontra uma **pedagogia revolucionária**. A pedagogia conservadora humilha o aluno. A pedagogia freireana, a "pedagogia do diálogo", deu **dignidade** a ele, respeitando o educando e colocando o professor ao lado dele - com a tarefa de orientar e dirigir o processo educativo - como um ser que também busca. Como o aluno, o professor é também um aprendiz... Esse é o legado de Freire. No desenvolvimento da sua teoria da educação, Paulo Freire conseguiu, de um lado, desmistificar os sonhos do **pedagogismo** dos anos 60, que, pelo menos na América Latina, sustentava a tese de que a escola tudo podia, e, de outro lado, conseguiu superar o **pessimismo** dos anos 70, para o qual a escola era meramente reprodutora do *status quo*. Fazendo isso - superando o pedagogismo ingênuo e o pessimismo negativista - conseguiu manter-se fiel à utopia, sonhando sonhos possíveis. Fazer hoje o possível de hoje para amanhã fazer o impossível de hoje.

Em março de 1997, um grupo de jovens de Brasília ateou fogo e matou um índio pataxó. Paulo Freire ficou muito impressionado com este horror. E se perguntava por que chegamos a tamanha barbárie. As causas são múltiplas: há a mídia, a escola, a sociedade... todos somos responsáveis. Mas há a impunidade que permite, sobretudo às classes poderosas, fazer quase tudo o que quiserem sem ser punidas. Raramente são punidas. Poucos são os ricos que estão nas cadeias. Por isso precisamos dizer "não pode" sem ter medo de sermos antidemocráticos. Há o que pode e o que não pode ser feito. Diante da injustiça, da impunidade e da barbárie, precisamos de uma **pedagogia da indignação**. Dizer "não" provoca conhecimento. O "não" desacomoda, incomoda, desinstala. Obriga-nos a pesquisar. Dizer "não" é afirmar-se como "eu". É buscar a ética, é valor, é postura. Paulo Freire nos falava com frequência de uma **pedagogia da rebeldia**.

Um tema que Paulo Freire estava desenvolvendo nos últimos tempos era o que chamamos no Instituto de **Ecopedagogia**. Paulo Freire dizia que precisávamos reler Ivan Illich e Herbert McLuhan com a compreensão que temos hoje da tecnologia, mas também com uma nova **ética**. Como diz o filósofo e teólogo Leonardo Boff, "a justiça não pode ser apenas social; precisa ser sócio-cósmica". Paulo Freire nos falava da necessidade de criar vínculos, da amizade, das relações sociais e humanas e na sua última entrevista (16 de abril) afirmava que "gostaria de ser lembrado como aquele que amou as plantas, os animais, os homens e mulheres, a terra..." Em seu livro *A sombra desta mangueira* ele valorizava justamente essas "**felicidades gratuitas**" - como disse o seu prefaciador Ladislau Dowbord - felicidades oferecidas pela natureza, contra as "**felicidades vendidas e compradas**", como a infinidade de brinquedos eletrônicos, oferecidas pelo capitalismo neoliberal. Uma pedagogia libertadora precisa criar novas vivências, vivências solidárias, precisa criar novas relações sociais e humanas e não só transmitir conteúdos.

Para finalizar, gostaria de realçar o significado das muitas **homenagens** a Paulo Freire que estão acontecendo no mundo. Para elas terem um sentido transformador, elas não devem simplificar ou mitificar Paulo Freire. No caso de uma obra tão complexa quanto a de Paulo Freire, há sempre o perigo da simplificação. Ela pode consistir, por exemplo, na escolha de uma frase, de uma passagem ou de um pensamento dele que mais nos agrada e tomá-lo como uma verdade absoluta sem contextualizá-la. Nada menos freireano do que isso. Paulo Freire escreveu muito e é possível tomar certas passagens sem contextualizá-las. Cada uma de suas passagens precisa não apenas ser lida dentro do contexto no qual ele a escreveu, mas no contexto mais amplo de toda a sua obra. Apropriar-se acriticamente e sectariamente de qualquer parte de sua obra é desfigurar Freire. Apesar da grandeza do seu legado, não devemos mitificá-lo ou a sua obra, mas seguir o seu exemplo.

Paulo Freire foi um ser humano completo. Doce guerreiro das palavras, visionário, acreditava na importância da escola, do saber, da palavra, da cultura, do educador. Confessou certa vez que "não tinha vergonha de ser professor". Como um plantador do futuro, ele sempre será lembrado porque nos deixou **raízes, asas e sonhos** como herança. Como criador de espíritos, a

melhor maneira de homenageá-lo é reinventá-lo. Não copiá-lo. É levar adiante o esforço de uma educação com uma nova qualidade para todos. Essa nova qualidade não será medida pela quantidade absorvida de conteúdos técnico-científicos apenas, mas, pela produção de um tipo novo de conhecimento, “molhado de existência” e de história, um conhecimento que deve ser, acima de tudo, uma ferramenta de mudança das condições de vida daqueles que não têm acesso à existência plena. Ele nos deixou **teorias e exemplos** que nos podem levar muito além de onde estamos hoje. Como disse um professor logo que ouviu falar de seu falecimento “ele nos deixou mais pobres porque partiu, mas estamos mais ricos porque ele existiu”.

Trata-se agora de dar **continuidade** a seu legado. Mas, o que significa dar continuidade à obra de Freire?

Dar continuidade a Freire, não significa tratá-lo como um “Totem”, ao qual não se pode tocar mas se deve apenas adorar; não significa também tratá-lo como um “guru”, que deve ser seguido por discípulos, sem questioná-lo. Nada menos freireano do que esta idéia. Paulo Freire foi, sobretudo, um criador de espíritos. Por isso deve ser tratado como um grande educador popular. Adorar Freire como um totem, significa destruir Freire como educador. Por isso não devemos repetir Freire, mas “reinventá-lo”, como ele mesmo dizia. Para esta tarefa, não designou esta ou aquela pessoa ou instituição. Esta tarefa ele deixou a todos nós, tão claramente expressa já no *Pedagogia do oprimido*, quando o dedicou “aos esfarrapados do mundo, e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam”.